

**Aliana Lopes Câmara**

(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia  
de São Paulo - IFSP - Câmpus Matão)

**Talita Storti Garcia;**

**Norma Barbosa Novaes-Marques**

(Câmpus de São José do Rio Preto - UNESP)

**Gabriela Oliveira-Codinhoto**

(Universidade Federal do Acre – UFAC)

**Erotilde Goreti Pezatti**

(Câmpus de São José do Rio Preto - UNESP)

## **Quantificação em línguas indígenas do Brasil**

**ABSTRACT:** This paper investigates the expression of quantification in a set of fourteen indigenous languages of Brazil, in order to identify, from the perspective of the Functional Discourse Grammar (Hengeveld & Mackenzie 2008), the transparency or opacity phenomenon in relation to number agreement and concord, both expression of quantification that mark the plural in a language. Data analysis shows that there are some languages, such as Apinajé, which present only number agreement, that is, a syntagmatic copy of the category at the morphosyntactic level, and some languages, such as Apurinã and Tariana, which present only number concord, that is, simultaneous marking by lexical and grammatical means. We consider that what is usually called quantification involves, in fact, two different kinds of information, a specific and an another a non-specific one. The main contribution of this paper realizes on the importance of this distinction for the studies on languages transparency.

**KEYWORDS:** Number agreement; Number concord; Quantification; Transparency; Functional Discourse-Grammar.

**RESUMO:** Este artigo investiga a expressão da quantificação em um conjunto de quatorze línguas indígenas do Brasil, a fim de identificar, sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie 2008), o estatuto de transparência ou de opacidade quanto ao acordo e à concordância de número, duas expressões da quantificação nas línguas. A análise dos dados mostra que há línguas, como o apinajé, que apresentam apenas acordo de número, ou seja, cópia sintagmática do plural no nível morfossintático, e línguas, como o apurinã e o tariana, que apresentam apenas concordância de número, ou seja, marcação da quantificação por meios lexicais e gramaticais. Consideramos que o que se tem denominado quantificação envolve, na verdade, duas informações distintas, uma definida e outra, indefinida. A principal contribuição deste estudo diz respeito à importância dessa distinção para o estudo da transparência das línguas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Acordo de número; Concordância de número; Quantificação; Transparência; Gramática Discursivo-Funcional.

## 1. Introdução

Este trabalho tem o objetivo de analisar os fenômenos de opacidade e de transparência na expressão da quantificação em línguas indígenas do Brasil, especificamente a concordância e o acordo de número, sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie 2008).

Trata-se de um estudo tipológico que contrasta as formas de expressão da categoria de quantificação, com o intuito de averiguar como as línguas indígenas expressam essa categoria.

Segundo Leufkens (2015), a quantificação pode ocorrer por *concordância de número*, em que a expressão da pluralidade é efetuada por meios lexicais somada às gramaticais, ou por *acordo de número*, que consiste na cópia de uma propriedade do núcleo em seu(s) modificador(es). Nesta pesquisa, no entanto, a quantificação é concebida como uma macrocategoria semântica, expressa por meios lexicais, morfossintáticos e fonológicos.

Adotamos neste estudo o conceito de transparência da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF). Para essa perspectiva teórica, a relação de transparência refere-se às interfaces entre os níveis interpessoal, representacional, morfossintático e fonológico dentro do modelo gramatical. Essas interfaces dizem respeito às relações entre significado-forma, significado-significado e forma-forma, originando seis possíveis relações: NI-NR, NI-NM, NI-NF, NR-NM, NR-NF, NM-NF. A não correspondência de um-para-um entre as unidades dentro dos níveis configura a opacidade de determinado fenômeno linguístico (cf. Camacho; Pezatti; Paula; Abreu (2017, neste volume).

Como material de análise, foram eleitas 14 línguas indígenas brasileiras, descritas no quadro 1, organizadas a partir de suas famílias linguísticas correspondentes<sup>1</sup> e as respectivas obras consultadas para o levantamento e análise dos dados.

**Quadro 1:** Línguas do corpus

Família	Língua	Obras de referência
Língua isolada	kanoê	Bacelar (2004)
Arawak (Aruak)	kwaza	Voort (2004)
	apurinã	Facundes (2000)
Karíb	tariana	Aikhenvald (2003)
	ingarikó	Souza Cruz (2005)
Maku	dâw	Martins (2004)
Nambikwara	sabanê	Araújo (2001; 2004)
	Pano	Ferreira (2005)
Tukano	matis	Fleck (2003)
	matsés	Cândido (2004)
	shanenawa	Stenzel (2003)
Tronco Macro-Jê	kotiria	
	Jê	Oliveira (2005; 2014)
Tronco Tupi	apinajé	Oliveira (2007)
	xavante	
Tupi-guarani	kamaiurá	Seki (2000)

<sup>1</sup> Além dessas línguas, utilizamos, no suporte teórico, algumas considerações sobre o pirahã (Everett 2005), relevantes para a discussão neste trabalho.

Trata-se de um estudo que se baseia em dados secundários, obtidos na descrição de gramáticas elaboradas por outros pesquisadores com base em aportes teóricos específicos, o que exige uma reinterpretação dos dados a partir da perspectiva teórica aqui adotada.

Este artigo está organizado em 5 partes. Na seção 2, discutimos o conceito de quantificação. Na seção 3, apresentamos as noções de concordância sintagmática e de acordo de número conforme Leufkens (2015). Na seção 4, com base na distinção entre quantidades definidas e quantidades indefinidas, descrevemos as formas de expressão dessa categoria semântica em línguas indígenas brasileiras. A seguir, na seção 5, analisamos os fenômenos do acordo (cf. 5.1) e da concordância de número (cf. 5.2) como critérios para análise da transparência e da opacidade nas línguas estudadas. Por fim, nas considerações finais, evidenciamos os aspectos mais relevantes deste estudo.

## 2. A quantificação

Castilho (1993 apud Guimarães 2007), a respeito da quantificação, diferencia *número* (para objetos contáveis, como em *muitos dias*) de *quantidade* (para objetos não-contáveis, como em *bastante água*), o que é refutado por Guimarães (2007), que alega que tanto quantidades contáveis quanto não-contáveis têm sido entendidas como *quantidade* na literatura, além do fato de que o termo *número* tem seu uso estabilizado para tratar da oposição entre singular, plural e dual. Hengeveld e Mackenzie (2008) também não consideram distinção entre contável e não-contável ao tratar da categoria semântica quantidade, que será vista mais adiante.

Os quantificadores em português são classificados por Castilho (2010) como especificadores, um termo que abarca as classes gramaticais que podem estar à margem esquerda dos sintagmas e das sentenças, tais como os artigos, os possessivos e os demonstrativos. De acordo com o autor, há várias classes que funcionam como operador de quantificação no português: “o morfema {-s}, o artigo pluralizando o sintagma nominal, os pronomes e advérbios quantificadores. A quantificação também se manifesta no vocabulário, por meio dos substantivos coletivos” (Castilho 2010: 505).

Para Guimarães (2007), a principal distinção a ser feita quanto ao conceito de quantificação é entre quantificadores definidos e indefinidos, posição posteriormente adotada por Castilho (2010) e também por este trabalho. Segundo o autor:

**Quantificadores definidos** seriam aqueles que denotam quantidades contáveis com cardinalidade definida, ou seja, os numerais, especialmente os cardinais: *um, dois, três, quatro* etc. (...) <sup>2</sup>

Os **quantificadores indefinidos** do português nunca expressam quantidades com cardinalidade definida; quase todos eles (exceto, talvez, *cada*) podem expressar tanto quantidades contáveis como não-contáveis, quando no singular (já que o plural sempre expressa quantidades contáveis) (grifos do autor) (Guimarães 2007: 88-89).

<sup>2</sup> Um caso à parte, segundo o autor, é o numeral *meio*, “que embora *denote* uma quantidade de cardinalidade inferior ao menor número inteiro, sempre *pressupõe* uma quantidade de cardinalidade 1 (*meio X* sempre pressupõe *um X* para ser dividido pela metade). Seria, então, o único exemplo de **quantificador definido** que expressa indiretamente cardinalidade” (Guimarães 2007:88-89).

No que diz respeito aos quantificadores indefinidos, Castilho considera que apresentam propriedades (i) gramaticais (morfologicamente podem ser flexionáveis ou não-flexionáveis: *todo, todos, tudo*; sintaticamente, podem estar mais próximos ou mais distantes do núcleo do sintagma nominal: *todos os meus outros três primeiros carros*); (ii) semânticas (escopam o substantivo para remeter à composição de conjuntos unitários, vazios e globais, como, respectivamente, mostram *alguém, nada* e *muitos*, e podem ainda compor subclasses de quantificação universal, como *todos*, e partitiva, como *cada*, modalidade afirmativa, como *alguém*, ou negativa, como *ninguém*); (iii) discursivas (imprimem ao texto caráter de indefinitude, imprecisão, como no trecho “*sempre isso, ninguém vai na casa de alguém faze(r) uma reunião e de repente se não é comer alguma coisa ah bebe(r) um drinquezinho*” (Castilho 2010: 507).

Neste trabalho, os *quantificadores* são entendidos como a codificação do fenômeno semântico da *quantificação*, concebida aqui como uma categoria semântica.

É importante diferenciar a categoria semântica *quantidade* (q), proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008: 268), da categoria *quantificação* considerada neste trabalho. A *quantidade* (*quantity*), segundo os autores, é um termo que faz referência tanto aos nomes contáveis quanto aos não-contáveis. É resultado da medição (conta, estimativa, comparação) e está presente principalmente no discurso financeiro e matemático, como em (1) e (2), em que *quantidade* e *litro* expressam a entidade semântica *quantidade*.

(1) Nova ferramenta do IBGE mostra a **quantidade** de pessoas com seu nome.<sup>3</sup>

(2) **Litro** do etanol volta a custar menos de R\$ 2,00 em Araçatuba.<sup>4</sup>

Os exemplos apresentam termos que são núcleos da expressão de *quantidade*, caracterizados, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), por ocorrerem em expressões de núcleo configuracional, como em (1) e (2).

A expressão da *quantificação*, diferentemente, indica a intenção do falante de assinalar a *quantidade*, seja de forma precisa, como em (3a), em que *dois* expressa a *quantidade* específica de carros, seja de forma indefinida, como em (3b), em que o morfema *-s* assinala a *quantidade* ‘mais de um’, de forma não-específica:<sup>5</sup>

(3) a. Comprei **dois** carros.

b. Comprei roupas.

Neste trabalho, não trataremos da categoria semântica *quantidade*, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), mas sim da expressão de *quantificação*, seja definida ou indefinida.

<sup>3</sup> Disponível em: [goo.gl/5NRqfa](http://goo.gl/5NRqfa) Acesso em 19 jul. 2016.

<sup>4</sup> Disponível em: [goo.gl/JoHaFr](http://goo.gl/JoHaFr) Acesso em 19 jul. 2016.

<sup>5</sup> No recorte deste trabalho não foram abordados os quantificadores indefinidos *pouco, muito, vários* etc.

No que tange à aplicabilidade da quantificação, Dik (1989) considera que as línguas dispõem de operadores de termos que atuam na constituição de noções quantitativas. Os operadores são expressos gramaticalmente, o que significa pertencer a uma classe fechada e ter um número limitado de distinções, como a que se apresenta para o domínio semântico de número (por exemplo, singular, dual, plural). Hengeveld e Mackenzie (2008) consideram a quantificação como operador de qualquer categoria semântica não-hierárquica (indivíduo, lugar, tempo, maneira, razão e quantidade), como mostram os exemplos a seguir:

- (4) a. **várias** casas (indivíduo)  
 b. em **muitas** cidades (lugar)  
 c. **poucos** anos (tempo)  
 d. **várias** maneiras (maneira)  
 e. **diversas** razões (razão)  
 f. **dois** litros (quantidade)

Nas gramáticas das línguas da amostra, os exemplos de quantificação encontrados referem-se apenas à categoria semântica indivíduo, razão pela qual, neste trabalho, a análise será circunscrita a esses casos.

Os operadores de quantificação mais comuns, dados por Hengeveld e Mackenzie (2008), são apresentados no Quadro 2.

**Quadro 2:** Operadores de quantificação de Indivíduo (Hengeveld; Mackenzie 2008: 247)

Nome	Símbolo
Existencial	$\exists$
Universal	$\forall$
Distributivo	Distr
Zero	$\emptyset$
Singular	1
Plural	M
Numeral	{2, 3, 4 ...}

Os operadores de quantificação<sup>6</sup> podem sofrer restrições, como ocorre em inglês para os marcadores *all*, *some*, *every* e *each*, que têm restrições quanto às propriedades contável/não contável do indivíduo a que se referem. *Some* ocorre com indivíduos contáveis e de massa, *all* com contáveis no plural e massa, *each* e *every* somente com contáveis no singular.

<sup>6</sup> Hengeveld e Mackenzie (2008), com base em Dik (1997a) e Kahrel (1987), classificam o operador de negação *no* como operador de quantificação, indicando quantidade zero, ou seja, ausência de quantidade.

Os marcadores de quantificação, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), também podem ser classificados como modificadores, quando têm expressão lexical. O critério para comprovar o caráter de modificador dos quantificadores é a possibilidade de serem usados predicativamente, o que vai depender de cada língua.<sup>7</sup> Considere-se o uso dos quantificadores do inglês como predicados nos enunciados a seguir, extraídos de Hengeveld e Mackenzie (2008: 246):

- (5) \*We are all/some/every/each.  
 (6) ? We are many.  
 (7) ? We are few.  
 (8) ? We are three  
 (9) We are third.

A possibilidade de *third* em (9) ser usado como predicado comprova que se trata de um numeral lexical, ao contrário de *many*, *few* e *three*, de (6) a (8), que deixam dúvidas sobre a possibilidade de serem usados dessa maneira. É mais comum o uso predicativo na construção com *of us* como em *There are many/few/three of us*. Os quantificadores *all*, *some*, *every* e *each*, por outro lado, já estão gramaticalizados, como demonstra (5), em que se observa a impossibilidade de serem usados como predicados. Já em uma língua como o português, o numeral é lexical, pois pode ocorrer também como predicado em contextos como *nós somos três*. Sendo lexical, pode ser usado como modificador.

Na amostra em análise, é possível verificar que no *dâw* e no *sabanê*, os quantificadores podem ser usados como predicados, como mostram respectivamente (10) e (11):<sup>8</sup>

- (10) *Dâw* (Martins 2004: 395)  
*páʔ j'ãm túm*  
 avó cachorro dois  
 'Os cachorros da avó são dois'

- (11) *Sabanê* (Araújo 2004: 97)  
*bala-n-al-i*  
 DU-VS-PRS.N-ASS  
 'Two / We are a couple / We are two' ('Dois. / Somos um casal. / Somos dois')

Analisar a quantificação é relevante porque as línguas, em sua maioria, dispõem de quantificadores. Apesar de muito rara, a ausência de quantificação é atestada no *pirahã*. De acordo com Everett (2005), nessa língua, não há marcação gramatical de número, uma vez que ela não dispõe de contraste numérico em nomes, pronomes, verbos ou modificadores, nem de expressões lexicais para a quantificação. Possivelmente, observa o autor, essa língua seja a única nesse aspecto.

<sup>7</sup> Nas línguas indígenas em análise, com exceção do *dâw* e do *sabanê*, não é possível verificar o estatuto gramatical ou lexical dos elementos de quantificação, uma vez que isso não é preocupação dos pesquisadores que as descrevem.

<sup>8</sup> Na amostra utilizada, só foi possível confirmar o estatuto lexical dos numerais no *apinajé*, *dâw* e *sabanê*, que trazem informações claras em suas gramáticas. Essa distinção, no entanto, não interfere na descrição das características gerais dos numerais nas línguas indígenas analisadas, uma vez que o foco deste trabalho recai sobre a expressão da quantificação, independentemente de ser gramatical ou lexical.

No pirahã, segundo o estudioso, uma ocorrência como (12) pode indicar quatro diferentes significados: (i) ‘os pirahã têm medo de espíritos malignos’; (ii) ‘um pirahã tem medo de espíritos malignos’; (iii) os pirahã têm medo de um espírito maligno; ou (iv) ‘um pirahã tem medo de espírito maligno’. As variantes de interpretação são todas possíveis, pois não há nenhum elemento lexical ou gramatical que expressa a quantificação dos elementos, seja de forma definida ou indefinida.

(12) Pirahã			(Everett 2005: 623)
<i>hiaitii</i>	<i>hi</i>	<i>kaodibogi</i>	<i>bai-aagá</i>
Pirahã.people	3SG.M	evil.spirit	fear-be

A ausência de quantificação no pirahã evidencia que, apesar de muito frequente nas línguas do mundo, essa noção semântica não é universal; dito de outra forma, a aplicabilidade de tal categoria semântica é válida apenas para as línguas que, de fato, dispõem de formas ou de expressões de quantificação.

### 3. Transparência e opacidade na expressão da quantificação

No arcabouço teórico da GDF, a expressão de quantificação, quando expressa de maneira redundante na interface entre o nível representacional, o nível da formulação semântica, e o nível morfossintático, o da codificação formal, pode ser uma característica opaca das línguas. De acordo com Leufkens (2015), a redundância constitui violação da transparência, pois uma unidade de significado (no caso, a quantificação) é expressa formalmente mais de uma vez. Como apenas uma forma é necessária, as outras marcas não fornecem informação adicional, sendo, portanto, redundantes.

Segundo a autora, a redundância pode ser opcional ou obrigatória. No primeiro caso, o elemento redundante pode ser deixado implícito, como ocorre com a concordância do predicado com o argumento sujeito nas línguas *pro-drop*, que obedecem a motivações pragmáticas e semânticas. No segundo caso, o da redundância obrigatória, os elementos formais estão obrigatoriamente presentes na estrutura *output*. Trata-se de uma operação puramente morfossintática. A redundância da quantificação pode ocorrer de duas formas: concordância de número (*plural concord*) e acordo sintagmático (*phrasal agreement*).

Para Leufkens (2015), a concordância é “a expressão de uma propriedade formal de um nome em seu(s) modificador(es)” (Leufkens 2015: 55). As propriedades do nome que podem desencadear a concordância são gênero, número, definitude, caso, demonstrativo e relativizadores. Pode-se observar a concordância de gênero e número com a seguinte sentença do italiano dada por Leufkens, em que o gênero e o número do nome *ragazza* são copiados em seus modificadores, o adjetivo *bella* e o artigo indefinido *una*:

(13) Italiano			(Leufkens 2015: 55, adaptado)
a. <i>un-a</i>	<i>bell-a</i>	<i>ragazz-a</i>	
INDF-SG.F	pretty-SG.F	girl-SG.F	
	‘a pretty girl’(‘uma menina bonita’)		

- |    |                                       |               |                 |
|----|---------------------------------------|---------------|-----------------|
| b. | <i>un-Ø</i>                           | <i>bel-Ø</i>  | <i>ragazz-o</i> |
|    | INDF.SG.M                             | handsome-SG.M | boy-SG.M        |
|    | 'a handsome boy' ('um menino bonito') |               |                 |

A *concordância de número*, para a autora, é a expressão de pluralidade por meios lexicais (numeral ou quantificador) somados aos gramaticais (acréscimo de morfemas designadores de pluralidade). Trata-se de um fenômeno redundante, uma vez que a expressão única da pluralidade por meio de um numeral ou quantificador já é suficiente para indicar a pluralidade da entidade, sem ser necessária a expressão por meio de um sufixo de plural. A autora exemplifica com a língua inglesa, em que a expressão da pluralidade ocorre obrigatoriamente por meio de um numeral e do acréscimo de um sufixo de plural no substantivo, como em *five elephants*. Há, assim, uma relação opaca em inglês entre o operador semântico de número e sua expressão morfossintática por meio de uma palavra adjetiva e um afixo. A situação oposta, a de transparência, ocorre na língua turca, que exibe um sufixo de plural *-lAr* exclusivo de numeral, que não pode ocorrer no sintagma *kirk harami* (literalmente 'quarenta ladrão') (Lewis 1978: 26, apud Leufkens 2015: 56). Segundo a autora, também existem línguas com sistemas mistos, como o árabe sudanês, em que há expressão formal de plural no nome apenas quando modificado pelos numerais de 10 a 20.

O *acordo sintagmático*, por sua vez, segundo Leufkens (2015), é a concordância que se estabelece entre o núcleo e seu(s) modificador(es), ou seja, é a cópia de uma propriedade do núcleo em seu(s) modificador(es), como em *umas meninas bonitas*, em que *umas* e *bonitas* recebem um sufixo de plural, devido à pluralidade do núcleo.

É necessário observar que a autora não distingue a quantificação definida da indefinida: para ela, uma única expressão de quantificação, no caso, a definida, é suficiente para assinalar a noção indefinida de pluralidade (mais de um). Essa não é, no entanto, nossa posição, uma vez que a análise dos dados mostra ser essa distinção importante para uma descrição adequada das línguas indígenas, como se verá a seguir.

#### 4. A expressão da quantificação nas línguas indígenas do Brasil

A análise dos dados das línguas indígenas selecionadas revela que a categoria semântica quantificação pode expressar quantidades contáveis com cardinalidade definida, sendo, então, aqui denominada *quantificação definida*, e quantidades contáveis com cardinalidade imprecisa, denominada *quantificação indefinida*. Essa distinção pautará toda a análise empreendida aqui.

Nas línguas da amostra, foi possível verificar três formas distintas de expressar quantificação indefinida: por meio de afixos, de partículas e de palavras.

No ingarikó, segundo Souza Cruz (2005), o plural é marcado por meio de um sufixo no nome, como se observa em (14), podendo ainda ocorrer dois sufixos de número para formar o "plural do plural", o que se verifica em (15), em que o sufixo *-on* marca o plural do substantivo *san* e o sufixo *-kon* marca o plural do prefixo de possuidor *a-* (3ª pessoa):

(14) Ingarikó

- a. *san*  
'mãe'

(Souza Cruz 2005:180)

- b. *san-on*  
*mãe-PL*  
'mães'

- (15) Ingarikó (Sousa Cruz 2005: 180)  
*a-san-on-kon*  
 mãe-PL-PL  
 ‘mães de vocês’

Já no apinajé, como demonstra Oliveira (2005), embora a categoria de número seja expressa frequentemente por meio dos quantificadores dual e plural, a pluralidade do indivíduo pode ser expressa pela partícula *me*, reforçada pela reduplicação do artigo definido *já*, conforme em (17).

- (16) Apinajé (Oliveira 2005: 203)  
*di ja*  
 woman DEF.ART  
 ‘the woman’ (‘a mulher’)

- (17) Apinajé (Oliveira 2005: 204)  
*me di ja ja*  
 PL woman DEF.ART.RED  
 ‘the women’ (‘as mulheres’)

A quantificação indefinida pode ainda ser expressa por meio de **palavras gramaticais**, como ocorre no xavante. Nessa língua, a coletividade, uma forma de expressão quantificadora indefinida, é representada pela palavra *nori*, que indica tratar-se de um grupo.

- (18) Xavante (Oliveira 2007: 87)  
*pi’õ norĩ*  
 woman COLL  
 ‘a group of women / women’ (‘um grupo de mulheres / mulheres’)

Em ingarikó, de acordo com Souza Cruz (2005), várias palavras são usadas para indicar coletividade: *risi* e *misi* determinam grupos/coletivos por gênero e equivalem a ‘grupo de homens/homarada’ e ‘grupo de mulheres/mulheradas’; *euka*, restrita à classe semântica de plantas, indica um sentido coletivo de plantação; e *pokon*, referente a grupos humanos, expressa um sentido coletivo. Nas ocorrências a seguir, é possível observar duas marcas de quantificação: em (19), a partícula de coletivo *risi* indica um conjunto, enquanto a partícula *yamë* marca o plural do coletivo, indicando que são vários grupos de homens; em (20), *misi* indica o coletivo, e a partícula *yamë*, o plural do coletivo.

- (19) Ingarikó (Sousa Cruz 2005: 212)  
*warawoʔ-risi yamë*  
 homem-COLL.M PL  
 ‘macharadas’/‘homenzadas’ (mais de um grupo de homens)’

- (20) Ingarikó (Sousa Cruz 2005: 51)  
*urisa-misi yamë*  
 woman-COLL PL  
 ‘mulheradas’

Em dâw, como afirma Martins (2004), há também palavras que indicam a noção de conjunto. São os casos de (i) pluralidade, em que se focaliza a pluralidade dos seres que formam o conjunto, refere-se aos elementos do conjunto ou indica que o conjunto está completo, como *dsh* em (21); e (ii) coletividade, em que se focaliza o traço semântico comum que une seres ou coisas de uma espécie que constituem um ‘bando ou grupo’, conforme *fua* em (22):

- (21) Dâw (Martins 2004: 399)  
*m'êz-êd táx nãm wùd-êh tih tē dsh-új'*  
 um-SPEC anta cadáver chegar-NEG 3SG filho PLLZ-AFF  
 ‘Uma anta não era suficiente para os filhos dele’

- (22) Dâw (Martins 2004: 399)  
*tih j'ãm fua w'ɔ pif dsh*  
 3SG dog COLL ouvir ser.pouco PONT  
  
*pwn' tih déz ɔ'j*  
 separar 3SG dono gritar  
 ‘A matilha ouviu um pouquinho o grito do dono deles’

Como se observa, a quantificação indefinida é expressa formalmente nas línguas indígenas como operadores gramaticais (afixos, partículas e palavras gramaticais), codificados no nível morfossintático.

A quantificação definida, que expressa quantidades contáveis com cardinalidade definida, manifesta-se, na amostra analisada, por meio de numerais, no apinajé (23), apurinã (24), dâw (25), ingarikó (26), kanoê (27), kotiria (28) e tariana (29). Como já observado, em três dessas línguas (apinajé, dâw e sabanê) o numeral pode ser usado como predicado.

- (23) Apinajé (Oliveira 2005: 213)  
*pa na pa [[a-ka ne a-bjeŋ] amē] [wa] ɔbu*  
 1 RLS 1 2-child CONJ 2-husband two DU see  
 ‘I saw your husband and your child, the two of them.’ (‘Eu vi seu marido e seu filho, os dois deles’)

- (24) Apurinã (Facundes 2000: 263)  
*epi hãtako-ru(-wako-ru)*  
 two youth-M-(PL-M)  
 ‘two boys’ (‘dois garotos’)

- (25) Dâw (Martins 2004: 159)  
*ʔãh tuk mutwap w'ác*  
 1SG querer três remo:CONJVZ  
 ‘Eu quero os três remos’

- (26) Ingarikó (Sousa Cruz 2005: 186)  
*asaʔriʔne tukui yamē*  
 dois colibri PL  
 ‘dois colibris’

- (27) Kanoê (Bacelar, 2004: 156)  
*Aj mow-kjj kani ð-tsi mo-e-re*  
 1SG dois-M criança 1-ter APPL-DECL-AUX  
 ‘Eu tenho dois filhos.’
- (28) Kotiria (Stenzel 2003: 179)  
*tiá wu 'ú-sé*  
 three house-PL  
 ‘three houses’ (‘três casas’)
- (29) Tariana (Aikhenvald 2003: 103)  
*sete-i-whida-pe*  
 seven-INDF-head-PL  
 ‘seven heads’ (‘umas sete cabeças’)

A distinção entre quantificação definida e indefinida é fundamental para a análise da transparência nas línguas indígenas, uma vez que essa classificação pode colocar em xeque a relevância do critério concordância de número para o estudo da transparência nas línguas.

## 5. Acordo e concordância de número como critérios de análise da transparência nas línguas indígenas

Como discutido na seção 3, no que diz respeito à expressão da quantificação, tanto o fenômeno de concordância quanto o de acordo de número implicam violar o princípio da transparência dado pela GDF, pois nos dois casos há ruptura da relação de um-para-um que deve perpassar as unidades entre os níveis ou dentro de um mesmo nível.

Um exemplo de transparência na expressão da quantidade é encontrado no turco, em que a marcação de número pode ocorrer por meios gramaticais, como (30a), ou lexicais, como (30b), mas essas marcas nunca co-ocorrem, como (30c), conforme ilustram Hengeveld e Leufkens (por vir):

- (30) Turco (Hengeveld; Leufkens, por vir)
- a. *kitap-lar*  
 book-PL  
 ‘books’ (‘livros’)
- b. *iki kitap*  
 two book  
 lit. ‘two book’ (lit. ‘dois livro’)
- c. *\*iki kitap-lar*  
 two book-PL  
 ‘two books’ (‘dois livros’)

Como se pode observar, a marcação da quantificação no turco é assinalada uma única vez, o que pode ocorrer por meio do operador de plural *lar*, ou por meio da expressão lexical de número *iki*, que significa *dois*. No entanto, a língua não permite ambas as marcas, como apresenta hipoteticamente a co-ocorrência de *iki* e *lar*, o que, segundo os autores, torna a construçãoagramatical. Dessa forma, a relação é sempre de transparência.

No caso do português, a marcação de número pode ocorrer tanto por meios gramaticais, com o operador gramatical {-s}, conforme (31a) e (31b), como por meios lexicais, com numeral, conforme ilustra (31c), exemplo da variedade não padrão, e (31d), exemplo da variedade padrão, que, diferentemente do turco, admite as duas formas.

### (31) Português

- a. *garot-a-s*  
garota-F-PL  
'garotas'
- b. *a-s*                      *garot-a-s*  
DEF.F-PL                  garota-F-PL  
'as garotas'
- c. *duas*    *garot-a*  
duas.F    garota-F  
'duas garota'
- d. *duas*    *garot-a-s*  
duas.F    garota-F-PL  
'duas garotas'

Desse modo, no português, há casos de transparência, como em (31a) e (31c), e de opacidade, como em (31b) e (31d). Para Leufkens (2015), em (31b) ocorre o fenômeno do acordo, e em (31d), o fenômeno da concordância, ambos redundantes.

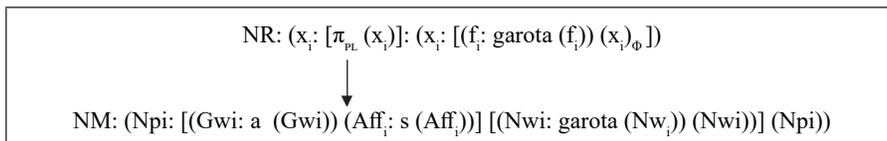
Neste trabalho, no entanto, defendemos que a expressão de quantidade em sintagmas como *duas garotas*, constitui, na verdade, um tipo especial de relação entre as categorias dos diferentes níveis, como veremos mais adiante.

Na sequência, discutimos os fenômenos do acordo de número em (5.1) e da concordância de número em (5.2) como critérios de análise da transparência nas línguas indígenas.

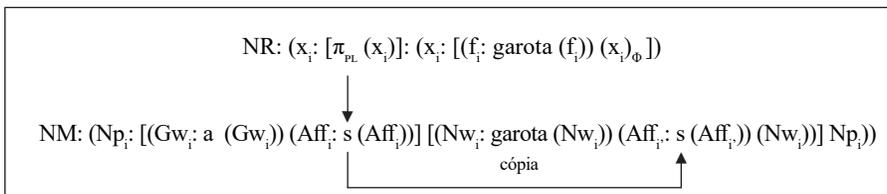
## 5.1. Acordo de número

Quando a quantificação é marcada duas vezes por meio de expressões gramaticais tais como morfemas, como é o caso de *as garotas*, por exemplo, há a repetição da noção de quantificação (plural) em mais de um elemento do sintagma. Essa dupla marcação configura-se como caso de *cópia*, fenômeno que ocorre dentro de um único nível, o morfossintático, sendo, então, denominada acordo de número. A reduplicação da noção de quantificação em dois ou mais elementos do sintagma configura opacidade, pois a mesma noção co-ocorre em dois ou mais constituintes na oração sem contribuição para a construção do significado, é apenas uma repetição morfossintática.

Como a noção de quantificação provém do nível representacional e é codificada nos níveis mais baixos, estabelece-se uma relação de um-para-um entre as unidades desse nível e as do nível morfossintático, domínio em que pode ou não haver o fenômeno da cópia, conforme ilustram as figuras (1) e (2).

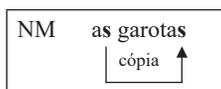


**Figura 1:** Transparência no português não padrão na expressão da quantificação em *as garota*



**Figura 2:** Opacidade no português padrão na expressão da quantificação em *as garotas*

Como mostra a figura (1), na variedade não padrão do português, a noção ‘mais de um’ é assinalada uma única vez, apenas no primeiro elemento do sintagma (*as*), havendo, portanto, uma relação de um-para-um entre o nível representacional e o morfossintático. Nesse caso, não ocorre o fenômeno da cópia, já que a informação de ‘mais de um’ não é copiada para os outros elementos, ou seja, nesse caso não há acordo sintagmático. Já em *as garotas*, como se observa na figura (2), há também uma relação de um-para-um entre os níveis representacional e morfossintático, porém, a noção de ‘mais de um’ é copiada do primeiro elemento do sintagma para o núcleo *garota*, ou seja, configura-se um caso de cópia no nível morfossintático. Trata-se, dessa forma, de acordo de número, conforme ilustra o esquema da figura (3) a seguir.



**Figura 3:** O fenômeno da cópia em *as garotas*

Na figura (3), a noção de ‘mais-de-um’ advinda do nível representacional ocorre duas vezes no nível morfossintático: na palavra gramatical *a* e na palavra nominal *garota* por meio do sufixo *-s*.

Na amostra de línguas estudadas, só foi possível observar a ocorrência de acordo de número no apinajé, no ingarikó e no kamaiurá, uma vez que não foram encontrados dados para a análise nas outras línguas selecionadas. O exemplo (17), aqui repetido por conveniência em (32), refere-se ao apinajé, e (33), ao ingarikó.

- (32) Apinajé (Oliveira 2005: 204)
- |                             |           |             |
|-----------------------------|-----------|-------------|
| <i>me</i>                   | <i>di</i> | <i>jaja</i> |
| PL                          | woman     | DEF.ART.RED |
| ‘the women’ (‘as mulheres’) |           |             |

- (33) Ingarikó (Sousa Cruz 2005: 181)  
*kuy-ě?ni-ri-kon* *yamě*  
 1+2PL-animal-POSS-PL PL  
 ‘nossos animais, de todos nós’

Em (32), a quantificação indefinida é codificada duplamente, pela palavra gramatical *me*, que indica plural, e pela repetição de *ja*, que copia a noção de plural. No ingarikó, em (33), a expressão da quantificação indefinida também é marcada duplamente. De acordo com Sousa Cruz (2005), há co-ocorrência do sufixo *-kon*, que pluraliza o possuidor, e da partícula *yamě*, que pluraliza o item lexical. A repetição da pluralização no núcleo e no modificador *kon* (nosso) configura uma cópia dentro do nível morfossintático, ou seja, um caso de acordo sintagmático de número. Dessa forma, essas línguas são opacas quanto a esse critério.

No kamaiurá, a expressão de plural ocorre apenas uma vez por meio do sufixo *het*, o que demonstra a transparência da língua quanto a esse fenômeno gramatical, conforme atestam (34a) e (34b).

- (34) a. Kamaiurá (Seki 2000: 319)  
*je=re`yj*  
 POSS=companheiro  
 ‘meu companheiro’
- b. Kamaiurá (Seki 2000: 319)  
*je=re`yi-het*  
 POSS=companheiro-PL  
 ‘meu companheiros’ (Lit. ‘meus companheiro’)

Como se vê, no acordo de número, a quantificação é sempre indefinida e marcada por meios gramaticais, como afixos (*het*, *kon*), palavras gramaticais (*me*) e repetição (*jaja*).

## 5.2. Concordância de número

Quando a quantificação é marcada duas vezes, por meio de uma expressão lexical e de uma (ou mais) expressão(ões) gramatical(is), como em *cinco elefantes*, há, conforme Leufkens (2015: 56), dupla marcação da pluralidade, pois a propriedade semântica de número advinda do (NR), expressa lexicalmente por um numeral, é assinalada também gramaticalmente por meio de operadores nas unidades nas quais se aplicam no (NM), o que configura, para a autora, *concordância de plural*, ou seja, um processo que ocorre entre dois níveis, o representacional e o morfossintático.

Dito de outra forma, para Leufkens (2015: 53), no sintagma *cinco elefantes*, o numeral já é suficiente para expressar a pluralidade do indivíduo (x) denotado (*elefante*). Assim, se houver outra marca de quantificação, a relação entre o nível representacional e o nível morfossintático não é transparente, pois a categoria semântica de plural do nível representacional é expressa duplamente no nível morfossintático: por meio de uma palavra nominal (Nw) e de um afixo (Aff), correspondendo, nessa ordem, a um modificador ( $\sigma$ ) e a um operador ( $\pi$ ).

Os dados da amostra analisada mostram que, no apurinã e no ingarikó, a propriedade semântica da quantificação definida é expressa lexicalmente, por meio de um numeral, e a da quantificação indefinida é expressa gramaticalmente, por meio de distintos operadores gramaticais, como mostram respectivamente (35) e (36).

(35) Apurinã (Facundes 2000: 263)

*epi hātako-ru(-wako-ru)*  
two youth-M-(PL-M)  
'two boys' ('dois garotos')

(36) Ingarikó (Sousa Cruz 2005: 186)

*asa?ri?ne tukui yamē*  
dois colibri PL  
'dois colibris'

Em apurinã, a propriedade semântica da quantificação é expressa pelo numeral 'epi', *dois*, e pelo sufixo 'wako', que assinala a noção de plural. Em ingarikó, também há uma expressão de quantidade definida, '*asa?ri?ne*' (dois), e uma expressão de quantidade indefinida '*yamē*', plural. Nesses casos, o numeral, para Leufkens (2015), já expressa a pluralidade do indivíduo denotado, portanto, o acréscimo do sufixo indicativo de plural configura uma relação de um-para-dois entre os níveis representacional e morfossintático. Para a autora, há co-ocorrência de expressões de quantificação, pois tanto uma forma quanto a outra assinalam a mesma propriedade semântica.

Dessa concepção surgem alguns questionamentos: Por que as línguas expressam a quantificação tanto por meios lexicais quanto por meios gramaticais, se apenas uma marca já pode assegurar essa categoria semântica? Essas duas marcações ferem o princípio de economia da língua? Qual é a implicação dessas duas marcações para a GDF?

Um olhar atento para a língua *dâw* foi essencial para responder a essas perguntas. Nessa língua, segundo Martins (2004: 159), "para indicar a noção de conjuntividade ou pluralidade, ocorre o tom ascendente no 'conjuntivizador' incorporado aos nomes", como se observa em (37), em que ao nome *w<sup>2</sup>ác* (remo) é incorporado o tom ascendente, assinalado pela notação (').

(37) *Dâw* (Martins 2004: 159)

*ʔāh tuk mutwap w<sup>2</sup>ác*  
1SG querer três remo:CONJ  
'Eu quero os três remos'

Outro exemplo do *dâw* com a respectiva transcrição fonética deixa mais claro como ocorre a expressão de pluralidade nessa língua, em que (') indica o tom ascendente e, assim, assinala a distinção entre /bè/ (*pau*) no singular e /béh/ (*paus*) no plural:

(38) *Dâw* (Martins 2004: 41)

a. [bè:] /béh/  
'pau'

- b. [túm bé:h] / túm bêh /  
 ‘dois paus’

Os exemplos evidenciam que, em dêw, a marcação de quantidade indefinida ocorre no nível fonológico por meio do operador de subida (h), enquanto a quantidade definida é expressa lexicalmente pelos numerais *mutwap* (*três*) e *túym* (*dois*).

O caso do dêw mostra que informações distintas são expressas distintamente. Isso nos leva a propor que não há de fato marcação redundante da noção de número no ingarikó e no apurinã, que marcam a pluralidade por meio de numeral e de operadores gramaticais; pelo contrário, os operadores gramaticais assinalam a noção de ‘mais de um’, uma quantidade indefinida, enquanto o numeral garante a noção de uma quantidade exata e definida. Divergimos, portanto, da proposta de Leufkens (2015), que não traz essa distinção, ou seja, para ela, tanto a quantificação definida quanto a indefinida constituem uma única informação.

De acordo com nossa proposta, as noções de quantificação definida e indefinida, apesar de serem formuladas no nível representacional, são expressas de formas distintas. Quando o falante deseja ser preciso, escolhe palavras lexicais (Nw), como os numerais; quando deseja expressar simplesmente a noção de mais de um, utiliza expressões gramaticais, como afixos (Aff) e palavras gramaticais (Xw), ou operadores de subida/queda, do nível fonológico.

Isso significa que há sempre uma relação de um-para-um entre os dois níveis envolvidos, pois a propriedade semântica da quantificação, formulada no nível representacional, quando definida, é assinalada por meios lexicais, e, quando indefinida, por meios de operadores gramaticais ou fonológicos (de subida/queda).

Com base nessa concepção, na expressão da quantificação, não ocorre o fenômeno da concordância de número, pois sempre haverá uma relação de um-para-um, entre significado e forma, entre o nível representacional e o nível morfossintático ou fonológico, o que caracteriza transparência, conforme demonstram as figuras 4 e 5, que contêm as representações da variedade padrão do português *três gatos* e da variedade não padrão, *três gato*.

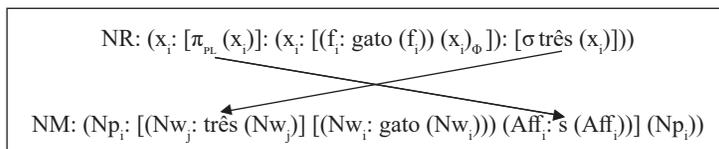


Figura 4: Representação das relações entre NR e o NM em *três gatos*

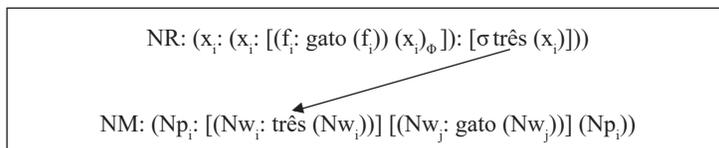
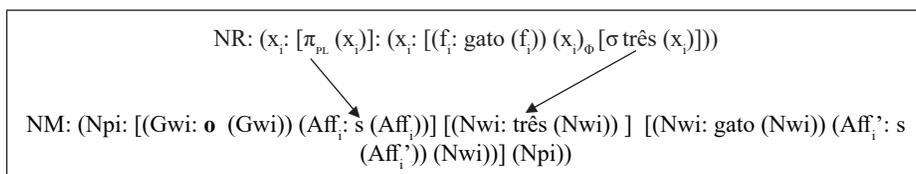


Figura 5: Representação das relações entre NR e o NM em *três gato*

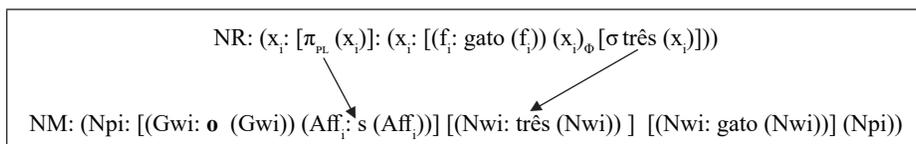
Na figura (4), podemos observar que a quantificação definida, representada pelo numeral *três*, advinda do nível representacional, é codificada no nível morfofossintático como uma palavra lexical (Nw), e a quantificação indefinida, também advinda do nível representacional, é codificada no nível morfofossintático como um afixo (Aff), representado pelo morfema “s”. Na figura (5), por sua vez, como não há a quantificação indefinida, apenas a quantidade definida (*três*) é codificada no nível morfofossintático por meio de uma palavra lexical (Nw).

Em ambas as possibilidades, a figura demonstra que há uma relação de um-para-um entre os níveis, o que configura uma relação de transparência, conforme representa a figura (6). Isso implica ainda que não existe o que se tem denominado concordância de número.



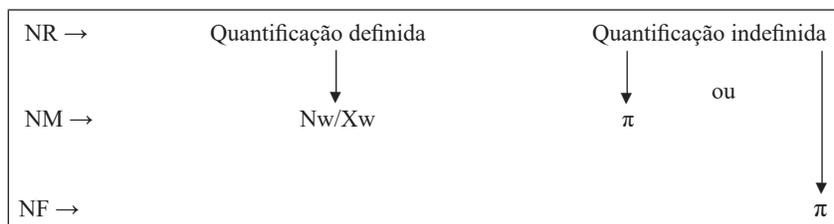
**Figura 6:** Representação das relações entre o NR e o NM em *os três gatos*

Na figura (6), notamos que a noção de quantificação indefinida (-s) é copiada no nível morfofossintático, pois ocorre no artigo definido, palavra gramatical (Gw), e também na palavra nominal (Nw) *gato*, o que configura o acordo de número. Quando, diferentemente, na variedade não padrão do português, a quantificação indefinida é codificada uma única vez, não há o fenômeno da cópia e, portanto, não há acordo, conforme se verifica em *os três gato*, na figura (7):



**Figura 7:** Representação das relações entre o NR e o NM em *os três gato*

Com base nessa proposta, no tocante ao processo de quantificação, haverá sempre uma relação de um-para-um entre a formulação, no nível representacional, e a codificação, no nível morfofossintático ou no fonológico, conforme demonstra a figura a seguir:



**Figura 8:** Relação de quantificação entre os níveis

## 6. A quantificação definida e indefinida como critério de análise da transparência nas línguas indígenas

Como visto, há duas possibilidades de expressão da quantificação, a definida (específica) e a indefinida (não específica). A primeira indica que o falante deseja expressar uma informação precisa, exata, e a segunda, que o falante deseja apenas indicar a noção de ‘mais de um’; constituem, portanto, duas informações diferentes formuladas no nível representacional e expressas de maneiras distintas na codificação. A quantificação definida é expressa por meio de numerais, enquanto a indefinida, por meio de afixos, morfemas, partículas e operadores fonológicos.

Nas línguas indígenas estudadas, verifica-se que a quantificação pode ser expressa de forma definida ou indefinida, havendo a possibilidade de esses dois tipos co-ocorrerem, como acontece com o português.

Em kanoê, por exemplo, observa-se apenas a expressão da quantificação definida, como demonstra (39) por meio do numeral ‘mow’ (dois). Nessa língua, conforme Bacelar (2004), não há flexão de número, e a quantidade é assinalada apenas por numerais, ou seja, pela expressão da quantificação definida, o que assinala uma relação de um-para-um entre os níveis representacional e morfossintático, uma relação transparente.

(39) Kanoê (Bacelar, 2004: 156)

<i>Aj</i>	<b><i>mow-kj̃j</i></b>	<i>kani</i>	<i>õ-tsi</i>	<i>mo-e-re</i>
1SG	dois-M	criança	1-ter	APPL-DECL-AUX

‘Eu tenho dois filhos.’

No tariana, no ingarikó, no kotiria e no apurinã, há duas expressões de quantificação no nível representacional, uma definida e outra indefinida, codificadas no nível morfossintático respectivamente por numerais e por partículas. Há, assim, uma relação de um-para-um entre os níveis, o que assinala também uma relação transparente. Essas línguas apresentam, como podemos observar em (40), (41), (42) e (43), uma expressão lexical (respectivamente, *sete*, *asaʔriʔne*, *tiá* e *epi*), que assinala a quantidade definida, e uma expressão gramatical (respectivamente, *pe*, *yamě*, *sé*, e *nu*), que assinala a quantidade indefinida.

(40) Tariana

(Aikhenvald 2003: 103.)

***sete-i-whida-pe***  
seven-INDF-head-PL  
‘seven heads’ (‘sete cabeças’)

(41) Ingarikó

(Sousa Cruz 2005: 186)

<b><i>osoruwaʔne</i></b>	<i>tukui</i>	<b><i>yamě</i></b>
três	colibri	PL

‘três colibris’

(42) Kotiria

(Stenzel 2003: 179)

<b><i>tiá</i></b>	<b><i>wuú-sé</i></b>
three	house-PL

‘three houses’ (‘três casas’)

## (43) Apurinã (Facundes 2000: 263)

*epi*                    *aiko(-nu-ru)*  
 two                    house(-PL-M)  
 ‘two houses’ (‘duas casas’)

Essas línguas (ingarikó, kotiria e apurinã) nos mostram, assim, que, quando há a expressão da quantificação definida e da indefinida concomitantemente, contrariamente ao que propõe Leufkens (2015), não há redundância na marcação de pluralidade, mas sim duas noções semânticas distintas, uma específica e outra não específica, que devem, portanto, ser codificadas de formas diferentes. Desse modo, mesmo que haja co-ocorrência dos dois tipos de quantificação, a definida e a indefinida, os meios de codificação são diferentes, o que assinala uma relação de ‘um-para-um’ entre os níveis, ou seja, uma relação de transparência.

Pudemos constatar que as línguas podem ter formas de expressão da quantificação definida, como é o caso do kanoê, sabanê, shanenawa, dâw e xavante, mas nunca expressam apenas a indefinida. O que ocorre em apenas duas línguas, o apinajé e o ingarikó, é a dupla marcação da quantificação indefinida, conforme exemplifica (44).

## (44) Apinajé

(Oliveira 2005: 173)

*me di*                    *jaja*  
 PL    woman            DEF.ART.RED  
 ‘the woman’(as mulheres)

Em (44), a partícula *me* pluraliza o nome *di* e o artigo definido *ja* é pluralizado por meio da sua reduplicação, ou seja, há dupla marcação da quantificação indefinida no mesmo sintagma, o que caracteriza acordo de número. Nesse caso, a marcação da mesma informação é assinalada duas vezes, o que configura uma relação de um-para-dois entre o nível representacional e o morfossintático, portanto, um caso de opacidade.

Essas considerações nos permitem concluir que a expressão da quantificação definida sempre assinala uma relação de transparência; por outro lado, a expressão da quantificação indefinida pode assinalar uma relação transparente ou opaca, a depender da ocorrência ou não de uma dupla marcação da noção de ‘mais-de-um’.

Como se pode constatar, no caso da quantificação definida, haverá sempre transparência porque há uma relação de um-para-um entre a formulação, no nível representacional, e a codificação, no nível morfossintático. No caso da quantificação indefinida, pode haver uma relação de transparência, quando a informação não específica, advinda do nível representacional, é codificada uma única vez no nível morfossintático, ou uma relação de opacidade, quando ocorre o fenômeno da cópia, isto é, a informação de ‘mais-de-um’ é copiada em outros elementos do sintagma dentro do nível morfossintático.

## 6. Considerações finais

Neste estudo tratamos da noção de quantificação, suas formas de expressão e sua implicação para os processos de acordo e de concordância de número sob a perspectiva da GDF.

Compreendemos por *quantificação* uma categoria semântica formulada no nível representacional que pode ser expressa por meio de quantificadores definidos e indefinidos.

Como demonstrado neste trabalho, o acordo de número é um processo de cópia da marcação de quantificação indefinida no nível morfossintático e, assim, em consonância com Leufkens (2015), um caso de opacidade. Nas línguas da amostra foi possível observar acordo de número no apinajé e no ingarikó.

A concordância de número, por sua vez, na proposta de Leufkens (2015), ocorre quando há expressão de pluralidade por meios lexicais e também por meios gramaticais, o que ela concebe como uma redundância, caracterizando opacidade, já que, para a autora, a uma unidade do nível representacional correspondem duas do nível morfossintático. Entendemos, no entanto, que nesse processo há duas informações distintas, uma específica (quantificação definida) e outra não-específica (quantificação indefinida), o que caracteriza uma relação de um-para-um entre os níveis representacional e morfossintático, ou seja, um caso de transparência.

Respondendo às indagações levantadas neste trabalho, podemos dizer que as línguas expressam dois tipos de quantificação, a definida e a indefinida, sendo cada uma delas codificada de modo distinto: a quantificação definida, expressa por meios lexicais, é sempre transparente, já que estabelece uma relação de ‘um-para-um’ entre os níveis representacional e morfossintático, enquanto a quantificação indefinida, que se manifesta por meios gramaticais no nível morfossintático, pode ser copiada e assim configurar opacidade na língua em questão.

Essa interpretação fornece uma contribuição para os estudos tipológicos ao propor a categoria *quantificação* como critério de análise da transparência e da opacidade nas línguas naturais.

## Referências

- Aikhenvald, Alexandra Y. (2003). *A grammar of Tariana, from Northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Araújo, Gabriel Antunes (2001). Uma descrição preliminar da fonologia língua Sabanê. *Actas do I Encontro Internacional do GTLI da Anpoll* 1: 128-144.
- Araújo, Gabriel Antunes (2004). *A grammar of Sabanê: a nambikwaran language* (Ph.D. dissertation). Amsterdam: Vrije Universiteit.
- Ávila, Magaly Grández (2011). Language transparency in functional grammar: the case of Quechua. *Linguistics in Amsterdam* 4: 22-56.
- Bacelar, Laércio Nora (2004). *Gramática da língua Kanoê* (Ph.D. dissertation). Nijmegen: Katholieke Universiteit Nijmegen.
- Camacho, Roberto Gomes; Pezatti, Erotilde Goreti; Paula, Danytiele C. F. de; Abreu, Carolina Cau S. R. (2017). Transparência linguística. *LIAMES - Linguas Indigenas Americanas* 17(2): 223-239.
- Cândido, Gláucia Vieira (2004). *Descrição morfossintática da língua Shanenawa* (Tese de doutorado). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem.

- Castilho, Ataliba Teixeira de (2010). *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- Dik, Simon C. (1989). *The theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris Publication.
- Dik, Simon C. (1997a). *The theory of functional grammar: Part 1. The structure of the clause*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Dik, Simon C. (1997b). *The theory of functional grammar: Part 2. Complex and derived constructions*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- Everett, Daniel Leonard (1992). *A língua Pirahã e a teoria da sintaxe*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Everett, Daniel Leonard (2005). Cultural constraints on grammar and cognition in Pirahã. *Current Anthropology* 46(4): 621-646.
- Facundes, Sidney (2000). *The language of the Apurinã people of Brazil* (Ph.D. dissertation). Buffalo: University of New York.
- Ferreira, Rogério Vicente (2005). *Língua matis (Pano): uma descrição gramatical* (Tese de doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
- Fleck, David William (2003). *A grammar of Matsés* (Ph.D. dissertation). Houston, Texas: Rice University.
- Green, Diana (1997). Diferenças entre termos numéricos em algumas línguas indígenas do Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Antropologia* 12(2): 179-207. Disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/publcns/ling/NumBrasi.pdf>. Acesso em: 04/2016.
- Guimarães, Mário Renato (2007). *Intensificadores como quantificadores: os âmbitos da expressão da quantificação no português do Brasil* (Tese de doutorado). Curitiba: Universidade Federal do Paraná.
- Hengeveld, Kees (2011a). Transparency in functional discourse grammar. *Linguistics in Amsterdam* 4: 1-22.
- Hengeveld, Kees (2011b). Epilogue: degrees of transparency. *Linguistics in Amsterdam* 4: 110-114.
- Hengeveld, Kees; Mackenzie, J. Lachan (2008). *Functional discourse grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press.
- Hengeveld, Kees; Leufkens, Sterre (por vir). *Transparent and non-transparent languages*. Amsterdam Center for Language and Communication.
- Jansen, Wim (2011). Esperanto: a language made transparent? *Linguistics in Amsterdam* 4: 57-74.
- Kahrel, Peter (1987). On zero terms and negative polarity. In Johan van der Auwera; Louis Goossens (eds.). *The ins and outs of predication* (Functional Grammar Series 6), pp. 67-76. Dordrecht: Foris.
- Leufkens, Sterre (2011). Kharia: a transparent language. *Linguistics in Amsterdam* 4: 75-95.
- Leufkens, Sterre (2015). *The transparency in language: a typological study* (Ph.D. dissertation). Amsterdam: Universiteit van Amsterdam.
- Martins, Silvana Andrade (2004). *Fonologia e gramática Dâw* (Ph.D. dissertation). Amsterdam: Vrije Universiteit.
- Mulder, Mijke (2013). Transparency in Modern Hebrew: a functional discourse grammar analysis. *Linguistics in Amsterdam* 6: 1-27.

- Nordhoff, Sebastian (2011). Transparency in Siri Lanka Malay. *Linguistics in Amsterdam* 4: 96-110.
- Oliveira, Christiane Cunha de (2005). *The language of the Apinajé people of Central Brazil* (Ph.D. dissertation). Oregon: University of Oregon.
- Oliveira, Christiane Cunha de (2014). A codificação das relações gramaticais nos complementos oracionais do Apinajé. *Signótica* 26(2): 287-308.
- Oliveira, Rosana Costa de (2007). *Morfologia e sintaxe da língua Xavante* (Tese de doutorado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Seki, Lucy (2000). *Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Sousa Cruz, Maria Odileiz (2005). *Fonologia e gramática Ingarikó* (Kaʔpon - Brasil) (Ph.D. dissertation). Amsterdam: Vrije Universiteit.
- Stenzel, Kristine (2013). *A reference grammar of Kotiria (Wanano)*. Lincoln: University of Nebraska Press.
- Voort, Hein van der (2004). *A grammar of Kwaza* (Ph.D. dissertation). Leiden: University of Leiden.

## Abreviaturas

1	primeira pessoa	INDF	indefinido
2	segunda pessoa	M	masculino
3	terceira pessoa	N	nome
AFF	afixo	NEG	negação
APPL	aplicativo	PL	plural
ART	artigo	PLLZ	pluralizador
ASS	assertivo	POSS	possessivo
AUX	auxiliar	PRS	presente
COLL	coletivo	PUNCT	punctual
CONJ	conjuntivo	RED	reduplicação
CONJVZ	conjuntivizador	RLS	realis
DECL	declarativo	SPEC	especificativo
DEF	definido	S G	singular
DU	dual	VS	sufixo verbal
F	feminino		

Recebido: 19/5/2017

Revisto: 16/9/2017

Aceito: 18/9/2017